

João Dias visto por quem o conheceu

Da revista AFRICA n.º 10, de Literatura, Arte e Cultura, relativa ao trimestre Outubro-Dezembro de 1980, transcrevemos parte de um elucidativo estudo por Vitor Evaristo, sobre o torturado escritor moçambicano, João Dias, cuja curta vida foi violentamente marcada por execráveis manifestações de racismo.

21 de Maio é a data de nascimento de João Dias, que faleceu a 25 de Março de 1949, com 23 anos. 21 de Maio é também data de aniversário, mas da morte de outro moçambicano: António Aires.

Estes dois moçambicanos ligados positivamente num livro publicado devido à carolice de alguns amigos de João Dias, tiveram a separação não apenas a cor da pele, nem o ramo de actividade artística que os solicitava, mas toda uma vivência diferente no que se refere à discriminação racial que João Dias viveu com excepcional intensidade, agravada por uma sensibilidade que atingia por vezes aspectos quase doentios. João Dias teve a infelicidade de nascer numa época e num lugar onde ser negro era uma quase-fatalidade que na prática ultrapassava os limites da legislação oficial perante a qual o racismo não existia.

Foi, como disse, a 21 de Maio de 1926 que nasceu em Lourenço Marques, o filho varão — e o mais novo — de Estácio Dias, jornalista de O Brado Africano onde, juntamente com os irmãos João e José Albasini, deixou assinada uma das épocas mais importantes do jornalismo em Moçambique, e esteve na base da inclusão dos seus nomes na toponímia de Lourenço Marques.

Convivi com João Dias intermitentemente, desde os tempos de estudo em Lourenço Marques, depois no período em que esteve em Coimbra e, mais tarde, em Lisboa onde veio a falecer no Hospital do Rego, de doenças infecto-contagiosas praticamente isolado-abandonado, pois não lhe era permitido receber visitas.

As recordações mais antigas que tenho de João Dias, reterem-se ao período em que andávamos na instrução primária — e posteriormente no liceu — quando ele morava numa casa do localmente chamado «estilo colonialista», na Avenida Anchieta entre as Avenidas «Pinheiro Chagas» e «31 de Janeiro». Por essa altura, eu ia com bastante frequência à padaria «Lafões», então muito afamada em toda a cidade. Como no trajecto passava pela casa do João Dias, acontecia muitas vezes vê-lo e ficarmos a conversar.

Desse contacto constante nasceu uma amizade que se manteve ao longo dos anos e durante os quais assisti a alguns dos milhentos momentos de marginalização que João Dias sofreu durante a sua curta vida.

Quando andávamos nos primeiros anos do liceu, acontecia muitas vezes juntarmos-nos em grupos à saída das aulas e, no caminho para casa, roubarmos fruta dos quintais que ficavam mais a jeito. Recordo que um dia, num grupo de uns cinco — mas onde só João Dias era negro — parámos junto ao muro traieiro de um quintal sobre que pendiam os ramos carregados de uma tangerineira. Ajudando-nos mutuamente, alguns subiram ao muro, apanhavam as tangerinas que alcançavam e passavam-nas para os que estavam em baixo, ou metiam-nas dentro das camisas, junto ao corpo. Quando ouvimos barulho dentro de casa e pressentimos a aproximação de alguém, saltámos à pressa do muro e fugimos a correr. Quando já estávamos um bocado afastados, parámos e, olhando para trás, vimos o dono, à varanda da casa, gritar furioso:

— Seus ladrões! Aquela preto! Se o apanho... — e o resto da frase perdeu-se na distância.

Rimo-nos, e houve até quem dissesse qualquer coisa basoflando-se na impunidade que a distância garantia, mas o que recordo bem foi o ar entre amedrontado e espantado do João Dias que, voltando-se para mim, perguntou com a esperança pueril — de quem tenta ignorar a resposta antecipadamente temida:

— Era comigo?!...

Concluído o curso do liceu, João Dias veio continuar os estudos em Portugal, matriculando-se em Direito na Universidade de Coimbra. Eu tinha vindo, antes dele, estudar para Lisboa, de modo que só no período das férias grandes podíamos reatar a nossa convivência, embora breve. Numa dessas férias escrevi-lhe para Coimbra e avisei o João Dias da minha ida lá. Ele foi-me esperar à estação «Velha» dos caminhos-de-ferro e durante a minha estadia em Coimbra, o João Dias foi o meu companheiro constante e quase inseparável. Tive assim ocasião de assistir a vários episódios de marginalização a que João Dias estava diariamente sujeito e especialmente por parte de alguns conterrâneos de Moçambique.

Entre vários casos, recordo, por exemplo, que um dia, a seguir ao almoço, eu e o João Dias fomos tomar uma bica ao velho Café Montanha, hoje desaparecido. Entrámos e sentámo-nos

a uma mesa. Estranhei que dois moçambicanos brancos, (*) sentados numa mesa ao lado da nossa e que apenas me haviam cumprimentado a mim, imediatamente se levantassem e se fossem



sentar a outra mesa mais atastada. Quase logo a seguir entrou no café outro moçambicano também branco, que, passando pela mesa onde estávamos sentados, me cumprimentou com aperto

de mão. Ignorou ostensivamente o João Dias e foi sentar-se a uma mesa bastante afastada da nossa.

Este acontecimento que poderia ter justificação numa antipatia puramente pessoal, correspondia no entanto a um racismo primário, antigo e tenaz como me garantiram e tive ocasião de comprovar. Havia também moçambicanos brancos que se davam e conviviam com o João Dias. Mas nesse aspecto, assim como noutros, há que ter em consideração que são os aspectos negativos que mais impressionam, motivam e marcam. Acresce ainda que, para uma sensibilidade tão dolorosamente impressionável como a de João Dias, todos os pequenos «nada» o traumatizavam continuamente. Esses pequenos acontecimentos diários abriam feridas que ele procurava ocultar mas que lhe tornavam a vida numa permanente tortura.

Porque o ambiente de Coimbra ou a «sufocando» cada vez mais, tornando impossível uma forçada tentativa de adaptação, também porque «chumbara» nos estudos, João Dias resolveu mudar-se para Lisboa. Além das razões apontadas, pesou o saber que havia uma dispersão do meio estudantil que lhe facilitaria uma inserção discreta e lhe permitiria um ambiente calmo de estudo para conseguir o curso de Direito que pretendia, não tanto por vocação mas talvez mais por razões de necessidade, com vista ao futuro, embora ainda um pouco nebuloso.

Inesperadamente, um dia recebi uma carta dele pedindo para o ir esperar à Estação do Rossio⁴. A carta foi recebida quase sobre a hora e apenas me deu tempo de o ir buscar e levá-lo para o quarto alugado onde eu vivia, em Lisboa. Falei à dona da casa que improvisou uma outra cama no meu quarto e assim se resolveu o problema mais urgente do alojamento, embora temporariamente. Uma vez que o João Dias lá fixar residência em Lisboa, seguimos durante dias depois o caminho normal de comprar o Diário de Notícias e iniciar a peregrinação pelos «quartos para alugar». Como o João Dias não conhecia a cidade, foi a minha vez de servir de guia acompanhando-o aos locais anunciados no jornal. E aí voltaram a aparecer os sinais de marginalização racial, que até eu pensava não serem tão frequentes, nem tão íntensos.

Um dos locais a que fomos, porque até indicavam o preço que era bastante barato, foi no Bairro Alto. Quer devido à natural timidez do João Dias, quer por eu conhecer melhor o ambiente lisboeta, era sempre eu que abordava o assunto. Toquei a campanha, num primeiro andar, e veio abrir a porta uma mulher a quem perguntei se era ali que tinham posto um anúncio de «quarto para alugar». Respondeu que «sim» e foi-nos precedendo por um corredor comprido. O quarto parecia mais uma camarata. Tinha quatro camas — das quais, três já estavam alugadas — e além de uma mesinha-de-cabeceira e uma cadeira, cada hóspede tinha apenas o espaço debaixo da própria cama para colocar a mala ou malas onde tinha de guardar todos os seus pertences.

A casa de banho e retrete ficava ao fundo de um corredor que a dona da casa fez questão de nos ir mostrar. E foi quando fomos pelo corredor que saiu de um outro compartimento um miúdo que se pôs positivamente a berrar, como se anunciasse que havia fogo no prédio:

— Olha um preto! É preto, mãe! É preto! É preto! — e corria pelo corredor, surdo à mãe que o mandava calar. Saímos o mais rápido possível, mas mesmo ao chegar à rua ainda ouvimos os berros de «É preto! É preto!».

(CONTINUA)